

O Habitante habitado entre livros e lugares

CAMILA STORCK LEROY

O Habitante habitado entre livros e lugares

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Colegiado de Graduação
em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Artes Gráficas
Orientador: Prof. : Marcelo Drummond

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes UFMG
2015

Agradecimentos

Aos meus pais **Fernando** e **Regina** pelo conforto e respeito às minhas escolhas.

A **Fernanda** e **Najla**, por exalarem criatividade e serem exemplos pra mim.

Ao **Caio**, por caminhar ao meu lado.

À minha comadre, **Ba**, por nossa amizade e nossas vontades repentinhas de atravessar o mundo.

Meu querido **Matheus**, por sua atenção, por sempre trazer energia e tornar tudo possível.

Ao grande **Willow**, meu amigo, por toda nossa brodagem e crescimento.

Às minhas mulheres **Maíra**, **Carol**, **Jaque**, **Cíntia** e **Bia** que balançam o meu corpo.

Ao **Coletivo DALE** que surgiu na urgência de se fazer arte.

A **Olinda**, por causar em mim alegria.

À **família Bertiogas**, que me mostrou que amor não tem fronteiras.

Giu, Lia, Kaya, Jackson, pela confiança.

Ao meu orientador, **Marcelo Drummond**, que despertou em mim coragem para debruçar sobre minha pesquisa.

Ao professor **Amir Brito**, por conseguir ouvir e dizer sobre os meus trabalhos.

À professora **Elisa Campos**, com seu cuidado.

À **Escola de Belas Artes** por toda a oportunidade de desenvolvimento.

Ao **programa de Mobilidade Acadêmica da UFMG**, que permitiu uma experiência de vida e transformação do meu olhar.

Aos **pernambucanos**, que são felizes por natureza, hospitaleiros e sensíveis.

A **Belo Horizonte**, por me levantar questões.

A **todo espaço** por me fazer presente.

E especialmente à minha querida **Morena**, por sua doce vida e seus ensinamentos diários.

*Dentro de si mesmo
Mesmo que lá fora
Fora de si mesmo
Mesmo que distante
E assim por diante
De si mesmo, ad infinitum
(...)*

Gilberto Gil ***Meditação***

- 13 No começo: registros de espaços
- 19 O dentro e o fora
- 22 Habitar
- 24 Constituição do acervo
- 29 O arquivo
- 32 Pôr: editar
- 36 Fazer Sala
- 39 Livro-me-paisagem
- 41 Habitante habitado
- 43 Considerações e desdobramentos
- 46 Referências bibliográficas

No começo: registros de espaços

Esta monografia tem como principal objeto disparador de estudo o livro **Pôr a casa**, desenvolvido no primeiro semestre de 2015, junto ao Ateliê III de Artes Gráficas, com a intenção de explorar o meu acervo digital de fotografias. Tal conjunto fotográfico foi constituído por mim durante os dois anos em que morei no Estado de Pernambuco. Através da sua releitura é que surgiram novos desdobramentos, materiais estabelecidos também em livros no decorrer do presente semestre.

Participei do Programa de Mobilidade Acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG entre os anos de 2012 e 2014 para estudar na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Escolhi este estado por interesse pessoal e admiração, por trazer sempre muitas referências a mim. Recife, sua capital, se tornou uma cidade extremamente instigante para a minha produção e trabalho. Olinda, a cidade onde morei a maior parte do tempo, se transformou em território de grandes descobertas e crescimento pessoal.

A experiência deste deslocamento geográfico e temporal proporcionou o amadurecimento acadêmico e despertou o olhar para a minha produção artística.

Desde o registro das imagens, ainda que despretensioso, havia uma busca em utilizá-las e ativá-las na minha produção. Imagens pessoais, subjetivas, que, ao se transformarem em corpo materializado como obra, se tornariam acessíveis ao público.

Retornei à Belo Horizonte carregada de memórias, arquivos e registros resultantes desta mobilidade. Tal material permaneceu durante certo tempo hibernado e que somente fora ativado por mim este ano no intenso processo de criação nos dois últimos ateliês de Artes Gráficas da EBA/UFMG.

No decorrer desse processo experimental, debrucei sobre um montante de imagens acumuladas, esquecidas pelo excesso e pela passagem do tempo, que trazem como características espaços que habitei e aproximei de maneira transitória, além de caminhos que percorri e atravessei para ir ao encontro das minhas paisagens pessoais.

A manipulação deste acervo se deu, primeiramente, objetivando a confecção do livro *Pôr a casa*. O livro condensa o próprio trabalho em si e consegue armazenar memórias e subjetividades. Uma obra

pública, acessível, capaz de circular em meios onde a arte às vezes não alcança, fora de galerias e espaços próprios comumente pensados para o fluxo da arte.

Houve um interesse pelo universo dos livros de artista, que foi estimulado após eu ser selecionada para uma bolsa de extensão na Coleção de Livro de Artista, na Biblioteca Central da UFMG, com orientação do professor Amir Brito, no início do ano de 2015. Desde então, fui cada vez mais me aproximando desse universo de produção de livros de naturezas múltiplas: todos os formatos possíveis, tamanhos diversos, maneiras de impressão diferenciadas. Comecei então a reconhecer a importância da edição no processo de constituição e materialização de um livro.

Na coleção há diversos assuntos específicos como temas de classificação: livros de poesia visual, livros conceituais, livros de desenho, pintura, colagem, performances, de fotografia, entre outros. Dentro desta classificação dos livros de fotografia, há o interessante conjunto dos fotolivros: livros que têm como assunto principal e conceito a fotografia, livros de artistas como experiência de produção, como voz autônoma e portadora de sua obra.

A partir dessa vivência, percebi a possibilidade de estruturar os meus trabalhos fotográficos. Como

tentativa de experimentar esse universo do livro, mais proximamente dos livros de artista que têm como assunto a fotografia, iniciei uma seleção das minhas imagens para transformá-las em objeto materializado, permitindo adentrar em meu acervo e buscar memórias que poderiam fazer parte de um mesmo conjunto, de forma a criar espaços narrativos que se intercomunicam.

De momento, não irei categorizar os meus livros, ainda que sua definição se aproxime dos fotolivros. Chamarei somente de livros, por decisões mais urgentes de torná-los materiais acessíveis e processualmente editáveis.

A formação do livro **Pôr a casa** proporcionou derivações de outros livros, através de extensões como possíveis desdobramentos: **Fazer sala**, **Livro-me-paisagem** e **habitante habitado** (obra que, consequentemente, dá título a esta monografia).

Pôr a casa se tornou, então, a matriz de toda essa produção, fonte potente de narrativas para esses outros desdobramentos e experimentações através de sua releitura.

No decorrer da pesquisa, formulo reflexões sobre as paisagens que me cercam e habitam: nas fotografias, no decorrer dos percursos e os cenários de fora. Trato, portanto, das paisagens internas e os lugares

onde habitei; dentro de mim, como parte reflexiva e subjetiva, ou seja, das paisagens construídas pela memória e o imaginário. Justapostos a essas, estão os espaços de fora: toda e qualquer a paisagem física presente ao meu redor, que interfere no meu processo de criação e articulação com o mundo exterior.

Durante a redação desta monografia, optei por escrever de forma subjetiva sobre os assuntos próprios desta pesquisa.

Mergulhei em meu acervo, em busca de minhas memórias e intimidades: busquei realizar uma leitura autobiográfica, partindo de uma linguagem autorreferencial sobre minhas memórias múltiplas.

Observando este processo, dediquei meu tempo a compreender um pouco mais de como meu olhar se relaciona sobre minhas fotografias, que delatam e relatam uma visão de mundo.

Tal tentativa de compreensão ocorreu desde os registros destas fotografias, que foram feitas sem estabelecimento de critérios prévios, correspondendo às casualidades da minha vida naquelas situações, constituídos de maneira intuitiva e sensível, até o momento em que elas entram para este arquivo e são revisitadas. No decorrer desse processo, a edição e a manipulação destas imagens, agora impressas, solicitou uma ação individual, pessoal, poética e

informal. Essa busca de contato direto e físico com essas imagens correspondeu à minha necessidade de definir um dispositivo como território de ação que chamo de livro para criar narrativas e espaços de imagem.

O *Habitante habitado: entre livros e lugares* traz nesta monografia minha presença como sujeito que ocupa todas as cadências desta pesquisa, desde as fotos registradas até sua materialização final, correspondendo como observador e manipulador de todo este processo reflexivo e produtivo.

O dentro e o fora

Em minhas fotografias observo uma dualidade de ambientes internos e externos. Pela subjetividade do meu olhar, busco separar o privado do público, mas penso que a relação entre privado – íntimo não impede que o externo também o possa ser. Quando me defronto com as paisagens de campo e de estrada que posso em meu acervo, percebo um recorte totalmente subjetivo, desprovido de uma intenção de explicitar onde estou e o porquê de tal registro.

Não me interessa documentar os lugares por onde passo, como relatos de percursos, mas sinto um impulso gigante quando estou diante de uma paisagem nova, lugar em que possivelmente tenho algum tipo de afeto ligado por algum acontecimento, por exemplo, o motivo de estar viajando e passando por ali.

A paisagem perturba sentimentalmente e alcança o meu âmago, o meu interior. Para além da vastidão desse mundo e dessa infinitude que me afronta, é

como se ainda estivesse dentro de algo, protegida, ou nem isso, talvez somente inserida, presente.

Os registros “de dentro”, se assim posso continuar nomeando como os ambientes internos das minhas fotos, trazem naturalmente esta intimidade. As fotos aqui observadas são imagens de partes de internas de casas. O lar traz essa ação ao meu corpo: habitar. E não há nada mais íntimo pra mim do que meu espaço privado. Os cômodos servem pra isso, nos acomodam, querem nos dar conforto e segurança. Mas não obstruo a possibilidade de ser público também. Enquanto imagem, revelada, expõe o guardado, o misterioso, o sigiloso. As minhas fotografias vão para além do buraco da fechadura da porta, elas expandem o campo da privacidade. Não deixam de ser íntimas, mas vão para o mundo.

O que permite perceber esse contraponto entre os dois lugares, que a princípio parecem distintos, é o reconhecimento de uma interdependência, que criam complementos de uma mesma forma no espaço.

A paisagem das minhas fotografias não é de uma natureza intocável. Independente dos meus registros não quererem ameaçar a cena e modificar o ambiente, o enquadramento permite abertura para poder ser outra coisa ou mais, ou nada. Por um lado, a paisagem externa recortada por mim se desloca do

seu espaço natural e transporta para algo mais eterno e íntimo, enquanto que os lares que habito abstraem o comum, o guardado, a memória, e ganham formas que as insere no mundo.

Formas do Habitar

Quando adentro em minhas fotografias, exerce o retorno ao desconhecido. O olhar para as imagens que estão dispostas por mim são de estranheza e curiosidade. Há algo muito especial nesses registros, que não era possível perceber no momento em que foram registradas as fotografias. Essa prática de retornar e revisitar esses ambientes, depois de distanciar-me deles, possibilita um novo encontro comigo mesma, numa espécie de espiral que transita naquele mesmo meio sem passar pelo mesmo ponto.

Ao olhar para a foto da janela da sala de uma casa em que morei durante um período, relembrar dos pensamentos daquele dia, os motivos que impulsionaram a decidir guardar aquele instante enquadrado. Há na fotografia a lembrança que ambiente estava claro, colorido e agradável: eu estava bem encantada com as mudanças que estava vivendo neste momento, neste lugar novo e inspirador.

Diante desta imagem hoje, me coloco com frieza entre as paredes desta sala. Estranho os objetos, a mobília, me distancio do sentimento de prazer e parto para uma sensação de não pertencimento daquele momento. Não é possível ocupar todo o complemento desta imagem, a memória falha e mal recordo o que havia em volta da cena.

A imagem se torna insólita, há uma busca pela rememoração desse espaço afim de desvendar a relação dessa imagem que se apresenta solitária, no sentido desta paisagem não estar habitada, desse vazio que se revela de maneira significativa, após a compreensão do olhar quando retorno à cena.

Na página do livro, remonto o conjunto apoiada no imaginário e outros lugares surgem dentro desse ambiente. Reconstruo algo novo: surge então uma outra sala, outra página, habitada por mim agora, e que amplio, neste exercício de reencontro, a razão de existência desse registro. Pouco a pouco, as narrativas vão se estendendo página a página.

A maneira que escolhi para lidar com essas paisagens, tão recorrentes em meu acervo, foi criar interrelações entre elas a partir dessa construção do imaginário. Dessa forma, foi possível ressignificar os lugares e compor a partir das suas aproximações de uma imagem com as outras, permitindo criar novas narrativas e diálogos fotográficos.

Constituição do acervo

Nesses dois últimos anos que estava fora de minha cidade, Belo Horizonte, busquei me relacionar com os espaços de maneira diferente, menos programada. Nos meus deslocamentos me permitiu ir sem muito saber para onde era cada lugar. Viagens simples, entre o litoral e o interior do estado, no agreste, sertão, sem eventos agendados. Mesmo com poucas condições, havia algumas articulações de troca e parcerias variadas.

Durante todos esses deslocamentos fui fazendo registros fotográficos sem muita pretensão, mais com o intuito de arquivar o que estava simplesmente sendo vivenciado rotineiramente naquele momento.

Entreguei-me aos acasos desses encontros, das ocorrências e das experiências que cada vivência proporcionava. Situações cotidianas, paisagens que atraíam o olhar por serem desconhecidas e diferentes, cenários curiosos, festas, eventos de rua, finais de tarde, ócio, ocasiões accidentais, alguns flagrantes.

Todo este acervo de imagens foi gerado e guardado nesse período de tempo que estive fora até o meu retorno a Belo Horizonte, em um disco rígido, salvo em muitas pastas. Sabia que o que carregava comigo ali era uma espécie de **container**, no sentido de ser bastante precioso e por portar grande parte de uma memória de uma época de muitas experiências recentes vivenciadas. Já havia um certo desejo de ativar este material e retornar a esses vários lugares mas, pelo excesso, sabia que seriam longos dias de reencontro e era preciso fôlego para retornar a esse lugar sobrecarregado de tantas afetividades.

É preciso mencionar que este arquivo se estabeleceu em um estado de dormência durante quase um ano. Ao retornar para Belo Horizonte, manusear este acervo não era prioridade e nem momento certo para tal, pois acabava de me estabelecer na cidade, mudar para um apartamento próximo a Universidade, distante da casa dos meus pais. Alguns meses depois descobri que estava no início de uma gestação, crescimento que modificou todo o meu comportamento, rotina, modo de vida e, inclusive, minha produção.

Foi somente no meio do Ateliê 3 de Artes Gráficas, no decorrer deste ano, quando estávamos em processo de produção e elaboração de trabalhos já para serem amadurecidos e pensados para a monografia no

seguinte semestre, que busquei relacionar novamente com meus arquivos. Era necessário materializar este acervo, as fotografias precisavam de um corpo físico, um território que as ativassem e pudessem sair daquele estado letárgico em que se encontravam.

A princípio imergi sobre todo este campo do afeto, em leitura extensiva desse acervo digital, um mergulho profundo em áreas sensíveis e totalmente possíveis de distração. Fiz uma densa seleção de imagens para serem impressas e trabalhadas manualmente por mim. Em seguida, foi feita uma emersão sobre esse arquivo. Procedi a impressão dessas provas fotográficas que possibilitou sair deste grande e perturbador processo de inércia. Por fim, podia tocar nos espaços com mais intimidade, percebê-los, criar encontros por atrações, grupos, unidades. Essa materialidade possibilitava fazer uma leitura intensiva e debruçar sobre este material com mais dedicação.

Tal seleção mapeou o meu campo de trabalho, delimitou a zona de interesse da presente investigação, mas ainda era necessário buscar um dispositivo para condensá-las, para tornarem habitadas as minhas fotos. Determinei o suporte do livro como espaço possível de comunicação e condensação do meu trabalho.

Estava diante de uma quantia significativa de imagens avulsas que ainda eram parte de um processo criativo. O resultado imagético desses espaços ativados pelas páginas em branco trouxeram algumas reflexões sobre esses enquadramentos captados por mim. Eles não esclareciam e tampouco diferenciavam cada lugar que estive. Era possível perceber uma repetição de recortes voltados para cenários similares.

Em tais registros, há em comum uma característica de movimento, algo nômade, que circula por espaços distintos, tanto externos quanto internos: muitas frestas, entradas de luz, portas, janelas. Dessa repetição criei grupos, famílias e subfamílias fotográficas, aproximando-as por assuntos, formas, cores.

Para o livro **Pôr a casa** busquei esses agrupamentos do acervo materializado e compus de maneira ordenada as sequências de narrativas.

A construção do livro transmuta para outras elaborações e necessidades, que como material impresso e público exige determinadas atenções, como ocupação de espaços, diagramação, edição, formato de impressão, eixos de leitura. Nele, as fotografias ganham corpo ativado e o espaço das páginas recriam o olhar para elas. Há entre as imagens espaços que também se ativam, se materializam. Os respiros de cada página, os

espaços em branco ali também oferecidos à leitura. Interessa aqui o entorno da fotografia que equilibra com o posicionamento das imagens e cria um campo de tensão entre as paisagens ali dispostas.

O arquivo

Arquivar fotografias, principalmente sem se dar conta do excesso de material digital que se tem, me parece um exercício para o esquecimento. Ao manusear o montante de imagens que possuo desses dois anos em outro lugar, disparando luzes em situações pouco importantes, com a intenção de estabelecer uma determinada memória sempre atualizada por onde passava e pelo o que fazia, percebo que a maioria das imagens que possuo foram esquecidas.

A princípio parecia apenas uma visita às fotografias, da mesma forma como quando vou para a casa da minha mãe e busco os álbuns de fotografia da família no armário para alimentar um sentimento nostálgico – talvez essa seja sua primeira função para mim – relembrar alguns acontecimentos ou até mesmo buscar alguma informação que me desperta a curiosidade. Acredito que os álbuns de minha mãe, além de serem mais organizados, datados, separados por eventos, festas, viagens, situações do

cotidiano, etc., apresentam essa matéria palpável das fotos analógicas: o álbum, as páginas, a organização das sequências e seus limites, que posso abrir, fechar, pegar um de cada vez, conforta e traz uma vontade de sempre debruçar em cima de tudo.

Comecei a compreender a importância do registro impresso, da foto ampliada, mesmo limitada pelos tempos já distanciados da fotografia analógica, mas também pela seleção precisa das imagens, pelo esforço de reconstruir uma situação e pela capacidade de nos conduzir a estas situações.

Os acontecimentos registrados em minha família sempre me trouxeram reflexões, abriram para um campo do imaginário e da verdade contestada. O que intriga nisso tudo não é mais as fotos em si, mas a construção criada a partir de imagens nesses álbuns. Penso que esse dispositivo do álbum, como suporte para as fotos, possibilita uma vasta comunicação com o meu olhar. Existem diversas narrativas e conjuntos de composições entre elas e isso é atraente. Mas ainda assim não é o álbum que aqui me interessa. Os álbuns são tidos como arquivos pessoais, íntimos e privados e somente as fotografias são contempladas, observadas e questionadas.

O que interessa é a disposição para comunicar através dessas imagens pessoais, compostas em sequência, formando narrativas com as páginas e com os espaços de todo o conjunto material.

Retomando para o meu vasto e diverso acervo, precisei criar uma forma de retornar às minhas imagens e concebê-las para além do conteúdo e da afetividade que traziam nelas mesmas. Comecei avê-las como elementos de composição, forma, unidades possíveis de formarem um conjunto de narrativas. Determinei uma densa seleção, limitando uma quantidade; reduzindo e escolhendo por alguns critérios, aproximando-as por interesse às quantidades palpáveis dos álbuns.

A materialização das fotos em livro, diferente destes álbuns, permitiu que o trabalho tivesse um destino público e expandido, se comportando de maneira mais decisiva. Ampliei a possibilidade de experimentação gráfica das páginas, do corpo do material, da intencionalidade de apresentar as imagens, não só pelo afeto ou pela memória, mas pelo discurso da forma e sua composição.

Pôr: editar

Em processo de construção do livro *Pôr a casa*, observei que o exercício de edição das imagens, sua distribuição e organização, as tomadas de decisão nas escolhas dos formatos, papéis, encadernação, capa e outros procedimentos, se mostrou análogo à organização de uma casa habitada, ainda que parcialmente. Descobri no processo da construção do livro necessidades de espaços a serem ocupados e divididos para as imagens, como a organização dos cômodos em uma casa, a disposição da mobília, o lugar dos objetos decorativos e de uso cotidiano.

Essa montagem faz referência direta com o movimento de mudanças das casas que fiz durante este período estava fora. Foram muitas casas onde morei, e cada uma delas solicitou uma organização espacial distinta, uma adequação com o tamanho e a rotina de vida daquele momento. Era necessário ser prática, não podia ter muitas coisas pois sempre que mudava era preciso carregá-las comigo.

Algumas casas eram muito grandes e eu acabava acumulando muitas coisas. Apeguei à terra, às plantas, à mobília, aos objetos, mas ao mudar para uma outra casa, mesmo que temporária, precisava desprender de praticamente tudo. Não tive quase nenhum móvel, algumas coisas eram improvisadas, ou construídas.

Em outra casa já tive o conforto de ter quase tudo, por outras pessoas, mas o que era meu de fato cabia em algumas poucas caixas. Percebi que toda essa organização dependia principalmente dos acasos da minha vida. A vontade de ir pra outra cidade, buscar novas experiências, trocas e vivências eram fortes motivos para tantas mudanças.

Ao dar conta que ao produzir os livros estava tomando como própria experiência a prática das casas que vivi, percebi que para os meus trabalhos a organização era essencial nesse contexto e a busca pela distribuição das coisas nos espaços era fundamental. Para tal, o livro **Pôr a casa** é a essência desses dois fatores, tanto das imagens, que se permitiam aproximar pelo acaso desses lugares que viraram registros, pela casualidade desses encontros e dessas mudanças, quanto da distribuição dessas imagens, a seleção, a limitação, a escolha das fotos para os espaços materializados.

Tudo foi organizado de maneira determinante para cada espaço do livro, postas nas páginas como quem põe, por exemplo, uma mesa. As imagens foram selecionadas e distribuídas para ocupar cada parte do trabalho, pensadas para construir narrativas e se tornarem completas juntas ao todo.

No início do Ateliê de Artes Gráficas 4, com a formulação do projeto de TCC, busquei continuar a produção deste arquivo já materializado por mim no semestre passado.

Com a orientação do professor Marcelo Drummond, que já estava acompanhando meu processo no Ateliê 3, dialogamos sobre a importância das imagens em conjunto: a imagem em seu estado digital, vista separadamente, não tinha potência para comunicar sozinha; era necessário ativar este acervo para compor, criar contatos e relações entre elas. Através de nossas reflexões e conversas, fomos desenvolvendo tirei conceitos sobre este habitar que o livro trazia para as fotografias. A partir de então comecei a produzir estes outros livros: ***Fazer sala, Livro-me-paisagem, habitante habitado.***

Como ponto de partida, utilizei as fotografias contidas neste livro matriz, pequenas sequências de imagens, páginas duplas que continham uma pequena série, desmembradas e ampliadas em um novo material.

Em seguida, essa produção dobrou de quantidade pela necessidade de experimentar e construir novos formatos a partir das releituras feitas e extraídas do livro *Pôr a casa*.

Editar esse material, criar as composições, construir novas narrativas e torná-lo tátil se tornou necessário às minhas fotografias. Com o dispositivo do livro pude alcançar a mim mesma e às minhas paisagens de fora e de dentro.

Fazer sala

Entre. Siga, está a sua frente.

Ao abrir o livro sou convidada a entrar. Observo o primeiro plano e me coloco dentro das páginas. Os diferentes espaços causam curiosidade e aproximação. Na sequência, sigo o caminho e observo os diferentes cômodos que comportam um mesmo lugar.

Há na direção das fotografias uma organização entre espaços vazios que são complementados através do olhar. Imagens possíveis de serem habitadas, diagramados nas páginas entre as fotografias abrem margem para serem completados com a leitura do livro e sua sequência, correspondendo com as características das fotografias, que em sua maioria não estão habitadas e são pouco ocupadas por objetos e mobílias, imagens silenciosas e que trazem aspectos de vazio.

O encontro delas no corpo do livro potencializa os registros. Ainda que nenhuma página seja completamente preenchida por imagens, esses espaços convidam o olhar para esses hiatos, como possibilidades de serem construídas através do imaginário.

Como quem faz sala a um visitante que chega pela primeira vez em casa, há todo um estranhamento e um conforto curioso de quem se permite a adentrar no desconhecido.

Fazer sala é o livro gerado posteriormente à construção do livro *Pôr a casa*. É, pois, uma distensão das suas páginas. O material foi condensado através da criação de subgrupos, fotografias que se aproximam por características comuns, sequências que retratam ambientes domésticos, corredores, cômodos vazios, salas que foram parcialmente habitadas por mim. Há nesses ambientes o registro do meu olhar, como revelação de uma percepção e uma individualidade de fragmento.

A forma de leitura deste material se diferencia de um livro comum pelo formato de suas páginas. Como experiência, busquei fazer de maneira a revelar cada sequência através do seu movimento de abertura, como uma ventana que se abre e revela algo novo de fora.

Aqui tomo posse das imagens outra vez, reinvento esses lugares que me trazem à memória a partir das escolhas que determino para cada composição. Não defino a acomodação de cada ambiente, os lugares não são esclarecedores, as salas e seus ambientes neste livro fazem parte de um mesmo lugar. Ainda que seja possível ver apenas uma janela ou uma brecha de porta aberta.

Livro-me-paisagem

Livro-me-paisagem é uma sequência panorâmica de um trajeto percorrido por mim em meio a uma viagem. De uma janela avisto a estrada, estou parada, sendo transportada pelo movimento do ônibus, estando presente nas imagens, insistindo em ter no meu percurso todo o registro do caminho que leva para um certo lugar. Depreendo o que está diante dos meus olhos em foto, num final de tarde, no anseio de fazer da luz algo ainda existente ali.

A transição dessa luz borra algumas imagens e cria corpos indecifráveis da paisagem, abstrações daquela natureza quase perdida, que eu decidi guardar. O registro eterniza o tempo e a memória.

No campo da materialização, o papel permite ver. Através de sua transparência material, crio um formato estendido, de sanfona, capaz de manter as imagens próximas e atravessar o meu olhar sobre todas elas ao mesmo tempo, como no percurso da viagem. Recrio

outras janelas quando sobreponho as paisagens fechando algumas páginas do livro. Este lugar para onde vou são muitos, as cenas se modificam, mas no livro continuo sempre em movimento.

O título do livro faz uma aproximação à liberdade, trazida pela comoção que a paisagem externa provoca em mim. Ainda que imaginada qualquer paisagem, a natureza, o céu aberto, a luz, toda essa composição, quando estou a viajar, faz com que eu sinta essa liberdade estando nela. O percurso de uma trajetória, o deslocamento por terra, ativa a memória de outros lugares, se abre para os pensamentos afetivos, pessoais. E nesta intimidade de contemplação, sou guiada a transformar o que vejo em paisagens totalmente minhas, como parte de mim.

Nas fotografias, remonto essas paisagens como forma de entrega e participação.

Habitante habitado

Aquele que habita. Vive.

Vivo.

Corresponder à algum lugar é se fazer presença.

Imagem é presença.

A fotografia revela o olhar. Me revela. Estou presente em minhas fotografias.

De onde estou posso sempre ver algo.

O livro **habitante habitado** é o estado de observar. A paisagem sugere uma janela, vista à distância, em movimento que deixa perder a nitidez, aproximando de uma abstração, abertura para a criação de novos espaços. A sequência das páginas, a repetição dos contrastes, a tentativa de revelação de uma intimidade e da composição de formas e cores que se destacam nas imagens, em sua sutileza. A narrativa das fotografias comunica com as páginas brancas que se opõem ao contraste do preto, se complementando e gerando uma tensão entre o que é revelado nas imagens.

Há uma pequena variação de enquadramento no decorrer das páginas, alternando para algumas imagens mais nítidas e outras em movimento até seu desfoco. De certa forma, este material sugere outro tipo de experimentação, tendo em vista a presença de páginas pretas ao lado das fotografias, que estão sobre um fundo branco. Elas são escuras e pouco esclarecidas, mas se contrastam no corpo do livro.

As imagens são móveis, refletem a presença do movimento do meu corpo enquanto são manipuladas e registradas. O deslocamento causa instabilidade de foco e permite alterar o formato de uma janela, vista à distância, perdendo completamente sua forma e sua função de revelar algo ali.

Esta inquietação transforma as fotos em manchas, projeções geométricas que se compõe no conjunto desta série. As cores vistas, que seriam falhas da regulagem automática da fotografia digital com pouca luz e sem estabilidade, é que despertam meu olhar para novas paisagens, composições acidentais e abstratas que se tornam pessoais e íntimas, potentes em seu conjunto materializado.

Considerações e desdobramentos

No desejo de aproximar desses meus registros pessoais, dos arquivos guardados em meu acervo digital, busquei compreender, nessa pesquisa, o olhar afetivo e imaginário através da arte, na sua composição e na sua construção material. Retomei este vasto material que estava adormecido e activei transformando-o em livros.

A manipulação partiu de um exercício de revisita – entende-se esse reencontro como uma busca pelo novo, pela investigação de registros que ainda não me eram revelados pelas fotografias. O retorno a elas partiu do princípio de que tudo foi revisto de maneira nova, porém deslocado do lugar de origem e que agora estão nas fotografias, nos livros, apresentadas como fragmentos.

A partir dessa imersão e dessa busca por uma linguagem autorreferencial, reli minhas fotografias, me aproximei das memórias que se transformaram e

se resignificaram nestes trabalhos. Pude observar o meu olhar enquanto “disparador” de sentidos.

Essa prática se deu a partir da releitura gráfica do meu arquivo pessoal e resultou em uma produção total de 4 livros neste ano de 2015. Experimentar o dispositivo do livro permitiu determinar sequências em espaços finitos de narrativas e de exposição gráfica das imagens, proporcionando assim uma outra escrita, processada através das imagens narrativas.

Além de tornar as fotografias acessíveis, propus uma maneira de circulação do meu trabalho, de disseminar o olhar através de um material elaborado, organizado e estruturado.

Ademais, o livro ainda permitiu junções de tempo e lugares que os álbuns de fotografias, que tinha como referência, não me possibilitariam. O álbum é visto como objeto íntimo, único em contraponto à natureza do livro que circula, tem tiragem, edição e maior alcance de leitura e leitores, além de ser a obra em si.

Os desdobramentos realizados a partir do Livro **Pôr a casa** possibilitaram experiências de criação de narrativas infinitas. Surgiram novas questões dentro dos processos de elaboração e produção gráfica, sobre formatos de impressão e experimentações materiais, tendo em vista os resultados variados, feitos durante a produção, nos testes e montagens.

O corpo do livro impresso ganha características que apenas são possíveis reconhecer quando são montados e finalizados. Este território comunica com as imagens e potencializa os espaços fotográficos e suas páginas.

Este acervo se tornou outro espaço de acesso, importante para possíveis retornos e futuros desdobramentos. Influentes na minha produção recente e amplo de experimentações porvir.

O contato com minhas fotografias e sua materialização me atentou ao modo de registro de futuras imagens, como prováveis diálogos com o território do livro, desde a sua apreensão até a sua concretização material.

Referências bibliográficas

BACHELARD, GASTON. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia* 2. ed Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FLUSSER, Villém. *A filosofia da caixa preta*. 1 ed. São Paulo. Annablume, 2011.

FERNANDÉS, Horácio. *Fotolivros latino-americanos*. Ed São Paulo: Cosacnaiyf. 2011.

GRIGOLIN, Fernanda. *Experiências de artistas: aproximações entre a fotografia e o livro*. Ed. Funarte, 2012.

SILVEIRA, Paulo. *A Página Violada - Da ternura à injúria na construção do livro de artista*. 2^a Ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

